

5.

O grupo focal na pesquisa qualitativa com os alunos

Todas as questões levantadas a partir das orientações teórico-metodológicas, como a logística do grupo focal, os fatores que interferem na análise de conteúdo e os vieses e estratégias de adaptabilidade, representam nossa tentativa de trazer para a discussão metodológica, *o que vale e o que não vale* na pesquisa em educação.

A adoção da técnica de grupo focal ocorreu em um momento particular da nossa pesquisa. O momento no trabalho nos impulsionava a experimentar estratégias de aproximação na pesquisa qualitativa com os alunos. A adoção da técnica em outros contextos, como na pesquisa com professores, coordenadoras ou pais, certamente envolveria aspectos que se diferenciariam em muito dos caracterizados aqui.

5.1

O grupo focal sobre hábitos de leitura na escola pública e na escola confessional

No grupo focal da escola pública havia duas meninas e três meninos, oriundos de três turmas diferentes. As meninas tinham quatorze anos e os meninos quinze anos de idade. A atividade iniciou com vinte minutos de atraso e durou cerca de cinquenta minutos.

O local antes reservado para o nosso grupo focal havia sido deslocado para outra atividade, assim fomos encaminhadas para outra sala, desta vez situada próxima ao pátio. No momento da atividade, vários alunos estavam em horário de recreio, nossas gravações sofreram com os ruídos e tivemos perda de parte do material de áudio. Tal perda prejudicou a análise dos hábitos de leitura dos alunos da escola pública.

Na sala organizamos uma roda de carteiras, ficando na mesma posição e perspectiva dos alunos. Expliquei que não havia a obrigatoriedade de todos comentarem

o mesmo tópico proposto, assim, apesar de poucas, nem todas as questões propostas no nosso roteiro¹ contam com as falas de todos os alunos.

O lanche oferecido aos alunos, parte da programação do encontro que tem como função deixar os integrantes mais propícios à conversa², não foi consumido por todos antes da discussão, como programado. Os alunos estavam tímidos, o que não impediu a ocorrência de uma pequena conversa antes da gravação.

Na escola confessional todo o processo de preparação do grupo focal foi objeto de uma cuidadosa organização por parte da instituição. No dia da atividade fomos conduzidas à *sala de grupo*, que estava preparada para nos receber: o local tinha boa acústica e as carteiras já estavam organizadas em círculo, de acordo com a proposta.

A conversa *quebra-gelo* aconteceu sem o lanche, a coordenadora nos pediu que este fosse servido após a atividade, pois os alunos haviam almoçado.

No início, os alunos estavam um pouco tímidos e aguardavam sua vez de falar. De acordo com o relato de Waldhelm (2008), mesmo os alunos que falaram pouco durante a atividade apresentaram sinais de interesse pelas questões abordadas e pelas falas dos colegas.

Durante estas falas, os alunos nos deram uma série de informações sobre a formação para a leitura que recebem em casa e na escola. Descreveram a influência dos pais, professores e colegas em seus hábitos de leitura, no modo como lêem, nas suas preferências e na importância que dão para este hábito.

O mesmo roteiro foi utilizado nos grupos focais das duas escolas, no entanto, a dinâmica de cada grupo levou a um tratamento diferenciado dos tópicos previstos para a discussão. Na análise das falas dos alunos nas duas escolas segui a ordem dos tópicos do roteiro proposto.

No grupo focal realizado na escola confessional, durante a introdução da atividade os alunos apontaram seus títulos favoritos, dizendo se houve a indicação de alguém para a leitura. Os alunos foram deixados à vontade para iniciar as falas. A idéia aqui foi a de que expressassem suas preferências, com o mínimo de interferência da minha interlocução sobre leitura durante a conversa.

¹ Veja modelo do roteiro utilizado no Anexo 6.

² Nesta etapa, comumente chamada de *quebra-gelo*, recomenda-se que as conversas sejam *amenas* e que não abordem o tema que será tratado no grupo focal.

A maioria dos alunos indica obras de ficção, são títulos e coleções inteiras, que vão da ficção científica aos romances de conteúdo histórico³. Apenas um aluno aponta um título de auto-ajuda. As indicações são dos pais, dos professores ou do pessoal da biblioteca, na escola confessional nenhum aluno aponta indicação de algum colega, sendo que dois estudantes afirmam que os títulos não foram indicados por ninguém e que o interesse surgiu durante visitas a livrarias:

Aluno (escola confessional): *G. L. treze anos. Pra mim eu gosto mais da série do Sherlock Homes, porque tem suspense, histórias de detetive, e eu me amarro nisso. Aí um dia eu entrei na livraria e achei assim, deve ser maneiro esse livro. Meu pai também falou que é bom, que é uma série boa. Aí eu comecei a ler e gostei.*

Aluno (escola confessional): *Eu sou o L. tenho 14 anos e o meu livro favorito é O Príncipe, de Maquiavel que o meu professor recomendou e que eu achei muito legal. Tratava sobre a pessoa e suas atitudes. E o Conde de Monte Cristo. Eu vi o filme, achei muito interessante e aí eu resolvi ler o livro, também porque a escola mandou ler.*

No grupo focal realizado na escola pública, os alunos se comportaram de forma bem mais tímida. Alguns demonstraram ter preferência por determinado gênero e não por um título especificamente. Nestas falas, percebemos maior influência da família na indicação dos livros:

Aluna (escola pública): *Ah, eu não tenho livro favorito. Eu li o Harry Potter (...). Meu irmão me deu um livro chamado o Apanhador no Campo de Centeio.*

Aluno (escola pública): *Não tenho livro favorito, dos que eu li eu gostei de todos. Os que eu mais gostei foram os do Harry Potter. (...) também gosto de livro de terror.*

Aluno (escola pública): *Meu estilo favorito de literatura favorito é o policial, (...) e o livro que eu li recentemente e que eu gostei muito foi o Longo Adeus, indicado pela minha tia.*

Aluno (escola pública): *Meu nome é JR, eu tenho 15 anos e eu não tenho assim livro favorito, mas um dos últimos que eu li e que eu mais gostei foi O Hobbit. Eu gostei porque eu já tinha lido os livros do Senhor dos Anéis, os três livros. Eu gosto do estilo dele de escrever (...) muito detalhado, dá pra ter uma boa imagem da cena.*

Aluna (escola pública): *(...) Meu livro favorito foi um livro que a minha mãe me deu: O Matador e também Gossip Girl.*

³ Comento com os alunos que a maior parte dos livros indicados fazem parte da lista de títulos apurada no survey de 2004.

5.2

Leitura e estímulo à leitura

Em relação ao estímulo, pergunto aos alunos o que, na opinião deles, pode levar uma pessoa a ler. As opiniões variam e nas duas escolas, os alunos apontam que os amigos os influenciam a ler determinados títulos ou gêneros:

Aluno (escola confessional): *Eu acho que tem bastante também a opinião amigos assim, sobre um livro maneiro. Mas o gênero conta, principalmente porque ele não vai gostar de um livro em que o gênero não atrai.*

Aluno (escola confessional): *Acho que a vontade de aprender é o fator chave pra gostar de ler.*

Aluno (escola confessional): *Eu acho que a leitura vem do estímulo de casa, os pais estimulam a ler.*

Na escola pública, durante a descrição do estímulo à leitura não houve qualquer menção aos professores ou à escola. Para estes alunos, o estímulo se origina de um hábito ou de uma busca que é pessoal, que é feita de forma independente. Nas falas percebemos também, a importância da relação entre pares para a constituição de determinados hábitos de leitura, como ocorre com a leitura de *sites* na *internet*:

Aluno (escola pública): *Eu acho que a leitura é mais um hábito, você começa a ler desde pequeno. Você fica lendo, lendo, lendo, você aprende a ler e a gostar de ler. Tem muitas pessoas que lêem e acham um saco ler, mas quem costuma ler sabe é legal...*

SOCED: Então o estímulo pra você é um hábito na verdade, não tem esse estímulo você vai aprendendo desde criança, é isso?!

Aluno (escola pública): *É, é um hábito.*

SOCED: O que leva a pessoa a ler? É o interesse, é a busca?

Aluno (escola pública): *O tema. (...) Acho que depende da pessoa. É o interesse pessoal, o tema.*

Nas falas abaixo, uma aluna nos descreve uma das leituras que mais a tem estimulado atualmente:

Aluna (escola pública): *gosto de ler as histórias que são recontadas num site. São histórias que já existem e que as pessoas reescrevem, contando sua própria história (...) com os personagens.*

SOCED: Qual o nome do *site*?

Aluna (escola pública): *Funficcion. (...) Tem vários sites. (...) Aí a pessoa pega um personagem e se coloca nele como num universo alternativo.*

Na escola confessional, quando perguntados sobre o que lêem cotidianamente, os alunos apontam uma variedade de suportes. Durante estas falas, explicitam a presença dos pais na indicação e no monitoramento das leituras, além de demonstrarem preocupação com o uso destas leituras para a vida escolar:

Aluno (escola confessional): *Eu leio muitas revistas, meu avô assina a Veja. Aí toda semana eu estou lendo porque me ajuda no colégio, na hora de fazer uma redação.*

Aluno (escola confessional): *Eu gosto de ler a Superinteressante, jornal que todo mundo lê e Veja.⁴*

Pergunto aos alunos como é a leitura realizada na *internet*. Todos se manifestam, dizendo praticar esta leitura todos os dias, principalmente em busca de notícias sobre o mundo e sobre esportes⁵. Também indicam o acesso ao Orkut⁶, afirmando que esta prática é *universal* entre eles.

A leitura de jornais, hábito pouco apontado no *survey* (Tabela 5, Anexo 7) - 96, 9% dos alunos da escola confessional em 2004 afirmam que nunca lêem jornal – apresenta diferente contorno na atual amostra. Pergunto aos alunos se lêem os jornais de grande circulação, qual a frequência deste tipo de leitura e quais são as seções dos jornais mais lidas por eles:

Aluno (escola confessional): *Eu gosto de manchete e da parte de economia.*

Aluno (escola confessional): *Esporte. (...) e os acontecimentos do Rio de Janeiro.*

Aluno (escola confessional): *Também tem reportagens que a minha mãe separa. Ela separa os fatos mais marcantes pra eu dar uma olhada, pra eu ver o que está acontecendo no mundo.*

Aluno (escola confessional): *Nem sempre os pais influenciam. Meu pai, ele lê, mas ele nunca fala: lê esse livro. Ele fala: esse livro é bom, seria uma boa você ler. Mas ele não fica me cobrando pra ler. Ele sabe que eu tenho obrigação de ler pro colégio e o que eu gostar eu leio. (...) Ele só me obriga a ler jornal porque ele fala que é muito importante.*

⁴ Estas revistas são assinadas pela escola confessional e disponibilizadas aos alunos na biblioteca, inclusive nos horários de intervalo e recreio. Veja maiores informações no item 4.1.

⁵ Nesta categoria, o site *G1* (<<http://g1.globo.com/>>) é o mais acessado pelos alunos.

⁶ Site de relacionamentos mundialmente conhecido (<http://www.orkut.com/>).

Há grande estímulo da escola para a leitura de jornais e revistas. Na análise da entrevista das bibliotecárias (item 3.2.1) vemos o alto investimento da escola nestes suportes de leitura. A idéia principal é a de manter os alunos informados, os mesmos por sua vez, demonstram reconhecer tal necessidade, tomando-a como uma obrigação. Veremos ao longo das falas dos alunos da escola confessional que eles estão preocupados com tal tarefa e que isso se tornou um hábito entre eles.

Ao mesmo tempo, a escola confessional investiu em um tipo de leitura informativa que é entretenimento para os alunos: a leitura do jornal *O Lance* e de algumas revistas, como a *Superinteressante*, *Galileu*, entre outras. Vimos que estas fontes de leitura convivem com os jornais de grande circulação e as revistas de informação na biblioteca e na casa dos alunos. Pais e agentes escolares estimulam juntos este tipo de leitura.

As falas dos alunos na escola pública corroboram com os dados coletados do *survey* sobre a leitura de jornais (Tabela 6, Anexo 8): apenas 1,6% dos alunos afirmam ler jornais *quase sempre*, nenhum aluno apontou ler jornais *algumas vezes* e 98,4% disse não ler *nunca* este tipo de suporte:

Aluna (escola pública): (...) não gosto de ler jornal. O meu pai lê.

Aluna (escola pública): Eu acho que é a mesma coisa também, às vezes eu leio jornal em casa, quando tem alguma coisa que me interesse eu leio.

Aluno (escola pública): Eu leio mais site de computação gráfica (...). Eu gosto bastante de história, os templários, que tem uma parte histórica. No jornal eu leio a parte de política.

SOCED: Mas vocês falam pra mim que o jornal vocês lêem pouco. Quanto é esse pouco? É uma vez na semana, duas vezes na semana?

Aluna (escola pública): Eu leio no final de semana.

Aluno (escola pública): Eu leio uma ou duas vezes na semana.

Aluno (escola pública): Eu leio jornal no final de semana, vejo as notícias e durante a semana eu leio na internet.

Supomos que a escassa indicação da leitura de jornais pode ter sido ocasionada por diferentes motivos. Há um conjunto de falas dos alunos afirmando que realizam a leitura dos jornais na *internet*. Esta ocorrência nos leva a supor que pelo fato desta

leitura ser feita em um suporte considerado *não legítimo* ou *menos legítimo* pode ter levado os alunos a não apontarem esta leitura enquanto um hábito.

Na sequência peço aos alunos da escola confessional que me falem sobre a leitura de títulos por indicação escolar e se sentem estimulados por estas leituras:

Aluno (escola confessional): *Depende do livro também que manda pra ler. Se eu me sinto interessado, se já tinha ouvido falar do livro, aí você fica estimulado. E também quando começa o livro, quando enrola um pouco você sente que esta meio parada a história e não fica estimulado.*

SOCED: Aí você para de ler?

Aluno (escola confessional): *Não, aí eu continuo.*

Estas e outras falas dos alunos ilustram o que vem sendo priorizado por estas escolas na formação de disposições favoráveis à leitura. Além de ensinarem aos alunos a admiração por determinados gêneros e obras, há nestes hábitos escolares uma constante preocupação na aprendizagem de um senso prático para a leitura. Os alunos reconhecem que algumas leituras são necessárias e que precisam ser feitas ou aprofundadas, a despeito de suas preferências individuais. Isso vem sendo conquistado por estas escolas em meio a um ambiente de múltiplos estímulos da mídia.

Posteriormente os alunos passam a descrever suas dificuldades e o que os impulsiona à leitura das indicações escolares:

Aluno (escola confessional): *O livro que eu mais gostei da escola foi o O Cão de Baskerville⁷.*

Aluno (escola confessional): *Teve outro agora que foi o O Alienista. O 'Alienista' não.*

Aluno (escola confessional): *'O Alienista', é.*

Aluno (escola confessional): *'O Alienista' que é uma leitura mais pesada, mais difícil, aí cansa um pouco ler.*

Todos os alunos ficam mobilizados por este assunto, passando a falar ao mesmo tempo. Apenas um aluno afirma ter gostado de ler *O Alienista*, de Machado de Assis, os

⁷ Neste momento, quatro alunos também confirmam sua preferência pelo título. *O Cão de Baskerville* é um título policial, narrado pelo personagem *Sherlock Holmes*. No survey do SOCED (2004), o título aparece em todas as indicações de leitura: três vezes na primeira e segunda frequências e sete vezes na terceira.

outros comentam sobre outro título, também considerado uma leitura densa, mas que gostaram de ler: *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna:

Aluno (escola confessional): *Tem uns pontos engraçados, na verdade é uma peça. É meio pesado. Esse autor conseguiu colocar umas pitadas de humor, que ficou engraçado.*

Aluno (escola confessional): *O modo como a professora fala do livro é bom. A professora chega na sala e fala: - Esse livro é bom, vou passar ele pra vocês lerem. Mas o modo como eles cobram, cobrar é correto, valendo ponto, fica muito pesado, mas é bom. É importante.*

Novamente aqui há o reconhecimento da importância deste tipo de leitura. Em relação ao tempo dedicado as leituras, a variação parece ocorrer em função da indicação, se foi de origem escolar o tempo de conclusão é de duas a quatro semanas, enquanto as leituras feitas por iniciativa própria irão depender de um ritmo individual (WALDHELM, 2008, p. 2; MANDELERT, 2008, p1).

Através das falas dos alunos da escola confessional, identificamos um perfil autônomo de leitor, com um aspecto instrumental bastante presente, que nos levou a perguntar sobre o hábito de leitura na infância. As opiniões variaram novamente entre os estímulos oferecidos pela família e pela escola:

Aluno (escola confessional): *Meus pais.*

Aluno (escola confessional): *Acho que os pais influenciam. Tipo pega um livro, vai ler.*

Aluno (escola confessional): *Quando os pais têm o hábito de leitura, o mais provável é que os filhos também tenham. Porque os pais são um exemplo, quando você é criança.*

Aluno (escola confessional): *Normalmente quando os pais gostam os filhos também gostam. Aí teve até a pouco tempo minha mãe estava lendo um livro aí ela me deu pra eu ler.*

Aluno (escola confessional): *Acho que mais os professores, eu lembro que na 4ª tinha uma atividade em que a gente comparava dois livros diferentes (...). A professora mandava ir ao quadro e aí a gente ia escolhendo o que queria ler.*

SOCED: Qual era o nome dessa atividade?

Aluno (escola confessional): *Tirando os livros.*

Aluno (escola confessional): *A gente pegava uma fichinha, lia um trecho do livro e assim ia. A gente começa a ler e já ia encaminhando a leitura. Era bom.*

Aluno (escola confessional): *Ela dava uma fichinha com umas três, quatro páginas do livro, aí você iniciava a leitura (...) ela [a professora] dava a entonação já na leitura, as pausas, as vírgulas.*

Os alunos reconhecem e admiram estes hábitos de seus professores como estratégias de estímulo à leitura. Nem todos os alunos presentes haviam estudado na escola confessional na quarta série, no entanto, todos confirmaram que foram estimulados a ler por seus professores desde os anos iniciais de escolarização. Estas experiências podem confirmar o *efeito prolongado da escola primária* (SAMMONS, 2008), já discutido anteriormente, no desempenho dos alunos. Na atividade acima descrita, a curiosidade levava os alunos a perseguir a história no livro e a ler outros títulos.

A prática pedagógica para a formação de alunos-leitores continua presente para estes alunos. Alguns assumem que os professores são responsáveis por suas preferências literárias atuais:

Aluno (escola confessional): *Na escola o estímulo é forte. Os professores depois da quarta série começam a indicar obras, dentro da matéria, história principalmente.*

SOCED: Que é o que você gosta mais de ler agora?

Aluno (escola confessional): *É o que eu mais gosto de ler.*

Estimulo-os a me descreverem esta prática dos professores durante as aulas:

Aluno (escola confessional): *Não tem o livro do Maquiavel?! (...) na quinta série quando a gente viu isso em história, em absolutismo, tava na ficha que deram pra gente dar uma olhada na obra de Thomas Hobbes: O Leviatã (...) e onde a gente podia consultar, nos trabalhos também colocavam obras que a gente podia consultar: - vocês acham na internet ou então vão à biblioteca.*

Os alunos da escola confessional dizem que comumente os professores *trazem* determinado título para sua fala durante as aulas, tendo também como hábito levar o livro para sala de aula, lendo pequenos trechos da obra ou indicando a leitura de títulos relacionados à matéria. Estas práticas são muito elogiadas pelos alunos.

Na escola pública, pedi aos alunos que me descrevessem como se dá este estímulo em casa e na escola. Aqui, novamente as falas unanimemente se remetem ao estímulo realizado pela família:

SOCED: E quem estimula mais vocês a ler, quem fala mais: lê tal livro, lê esse título? São seus pais, seus professores, os amigos que ficam falando: lê esse livro que é muito legal. Como é isso?

Aluno (escola pública): *Minha mãe que me estimula a ler os livros, meu pai me estimula a ler jornal.*

Aluno (escola pública): *Eles falam assim, eles vão lá compram e falam: - Lê isso, pra fazer você saber das coisas.*

Aluno (escola pública): *Ah, esse livro é legal, compra e lê e tal.*

Aluno (escola pública): *Eu já vou mais por mim mesmo, mas quem começou a me estimular mesmo foi minha tia e até hoje ela trás uns artigos, crônicas.*

SOCED: Você falou de se sentir mais independente, já não tem mais ninguém te estimulando, você já está lendo muito, é isso?!

Aluno (escola pública): *É.*

Algumas destas experiências escolares no estímulo à leitura são bem sucedidas. Através da descrição dos alunos, de suas opiniões podemos identificar as práticas pedagógicas que mais dão certo e que geram sentido para eles.

5.3

Acervo Literário

Peço aos alunos que me descrevam seus acervos pessoais, os gêneros predominantes e a quantidade de livros que mantêm em suas estantes e prateleiras. A maior parte dos acervos possui títulos de ficção e não ficção, os livros didáticos e paradidáticos são comumente consultados na escola. O volume de consulta a este gênero na escola confessional pode ser confirmado através das falas das bibliotecárias (Item 4.1.):

Aluno (escola confessional): *Lá em casa, no meu quarto tem um móvel, os livros de lá desde que eu comecei a ler tem mais assim: mistério, suspense.*

Aluno (escola confessional): *Lá no meu quarto tem uma estante de livros e lá em casa deve ter mais uns cinquenta, sessenta. O meu pai não lê muito, minha mãe lê mais, aí geralmente os livros que eu tenho lá em casa são mais de aventura, mistério.*

Aluno (escola confessional): *“O Monge e o Executivo”, por exemplo. Que é um livro de liderança, aqueles livros que dão mais uma lição de moral, que mostram mesmo o caminho pra você seguir. Esses de empresário, executivo, advogado essas coisas mesmo.*

Aluno (escola confessional): *Na minha estante têm livros de história, livros de inglês, têm livros de fantasia, suspense, romance policial, ficção científica. Mas são poucos, não são muitos livros, porque na minha casa eu que tenho mais tempo de ler, minha irmã também lê um pouco, mas meus pais trabalham muito e não tem tempo de ler, mas eles também gostam de ler bastante.*

Aluno (escola confessional): *Lá no meu quarto tem mais livro de suspense e terror.*

Os alunos da escola confessional, confirmam que tem acesso fácil a qualquer título que se interessem, compram os livros em feiras, livrarias, requerem a compra aos pais, pegam na biblioteca e mais raramente emprestam ou pegam emprestados com amigos. Nenhum dos alunos indicou *baixar* algum título completo da *internet*.

Na escola pública, os alunos também indicam ter acesso a títulos variados. Os livros estão presentes em vários espaços da casa, na sala e em seus quartos. A maior parte dos acervos é de livros de ficção, duas alunas afirmam possuir vários títulos de literatura brasileira em casa. Os livros didáticos também estão presentes.

A troca de livros entre estes alunos é mais comum, bem como demonstram facilidade na compra de alguns títulos, no entanto, em nenhum momento comentaram frequentar a biblioteca da escola⁸. Na escola pública os alunos também não têm como hábito ler livros completos na *internet*:

SOCED: Então, vocês trocam de livro?

Aluna (escola pública): *É, ela está lendo meu livro.*

Aluna (escola pública): *A maioria dos livros que eu leio sou eu que escolho, eu peço pra minha mãe.*

SOCED: Ninguém aqui gosta de ler o livro na *internet*?

Aluno (escola pública): *Não. (...) É cansativo.*

5.4

Família e Leitura

Vários aspectos da relação estabelecida com os pais em termos de leitura foi *adiantada* pelos alunos quando indicaram as pessoas que mais os estimulam à leitura.

⁸ A falta de dados sobre a frequência de alunos neste espaço escolar e a relação estabelecida com os funcionários da biblioteca limitou nossa reflexão sobre este aspecto.

Perguntei-lhes se consideram importante que os pais leiam na frente dos filhos e pedi que me contassem como são as conversas sobre leitura em casa.

Os alunos da escola confessional relativizam a influência atual da família no estímulo ao hábito de leitura:

Aluno (escola confessional): *Isso depende muito, os pais são um exemplo, mas eu acho que não depende tanto assim, tem ocasiões que o aluno se sente motivado de outras formas, por exemplo, os professores que eu tive nas aulas, eu acho importante, mas não é sempre necessário.*

Aluno (escola confessional): *Também acho. Na minha casa sou eu quem mais dá estímulo pro meu pai. Porque o meu pai não lê muito e aí eu falo que um livro é legal e o meu pai vai e lê o livro.*

Aluno (escola confessional): *A minha mãe ela compra os dela e lê. Os livros dela são bem diferentes dos meus*

Aluno (escola confessional): *Varia muito, principalmente aqueles que têm mais uma lição de vida no final. [aluno descrevendo o gênero preferido da mãe]*

A discussão sobre este tópico foi bem diferenciada nas duas escolas. Na escola confessional, enquanto os alunos reconhecem mais fortemente a influência dos professores na sua formação para a leitura, os alunos da escola pública. Afirmam que a família é muito mais presente nesta tarefa. Estes alunos vêm seus pais estudando, tem acesso a seus livros e conversam bastante sobre seus hábitos de leitura. Os pais da escola pública, por outro lado, são descritos como uma influência mais atuante nas indicações e nas cobranças de leituras. Estes pais também criticam o conteúdo das leituras de seus filhos, regulando o volume e os gêneros lidos:

Aluna (escola pública): *Meu pai acha que os livros que eu leio são todos iguais. [referindo aos romances de adolescente]. Ele acha que são todos iguais (...) alguns são mesmo, mas eu gosto de ler por diversão.*

Aluna (escola pública): *Meu pai instituiu lá em casa que esse ano seria o ano Machado de Assis (...) que todo mundo teria que ler quatro livros [a aluna refere a ela própria e a seus irmãos]. No começo todo mundo disse que não ia ler, mas todo mundo foi lá e escolheu (...).*

SOCED: Você já leu algum livro do Machado?

Aluna (escola pública): *A gente lê na escola, já fiz prova (...) mas por livre e espontânea vontade, nunca.*

5.5

Relação entre os tipos de texto e o modo de ler

Nas duas escolas, a escolha do local para a leitura parece se dar de acordo com o interesse do aluno. No entanto, os estudantes afirmam que o barulho pode causar interferências de acordo com o tipo de texto que se está lendo e com o nível de envolvimento com a leitura. Em outras palavras, para estes alunos, quando se está muito concentrado a leitura poderá *fluir* de forma mais ou menos independente ao ambiente. A leitura por indicação escolar também terá conseqüências na escolha do ambiente e no grau de concentração:

Aluno (escola confessional): *Pra mim o que mais depende é o seu interesse, porque eu, por exemplo, não importa o barulho se eu tiver gostando do livro.*

Aluno (escola confessional): *A diferença pra mim é botar a música no alto e mesmo assim conseguir ler direito.*

SOCED: O local escolhido e o ambiente vão depender do tipo de leitura?

Aluno (escola confessional): *É.* [todos os alunos demonstram sinais de afirmação a questão].

Aluno (escola confessional): *Depende. Também tem a questão da pressão, quando a pessoa já está, por exemplo: a pessoa está com sono, tem que ler pro dia seguinte e nem começou o livro. Aí independente do barulho vai conseguir.*

Na escola confessional, os principais lugares escolhidos para a leitura são a sala de estudo dirigido (local onde os alunos ficam na parte da tarde para execução das tarefas escolares) e o quarto. Estes são os lugares para as leituras que requerem maior concentração. Outros locais podem ser eleitos, como a academia ou qualquer outro lugar durante pequenos intervalos do dia:

Aluno (escola confessional): *Não importa o lugar. (...) Nas férias eu leio no meu quarto, eu fico mais à vontade, dou uma parada e volto.*

Aluno (escola confessional): *Eu leio quieto pra me concentrar.*

Aluno (escola confessional): *Geralmente eu leio no meu quarto antes de dormir, porque de tarde é computador, televisão e tal, aí pra mim tem que ser assim [referindo-se à necessidade de um lugar tranquilo para a leitura] (...) se não, eu não me concentro.*

SOCED: Todo mundo precisa de silêncio pra leitura ou não?

Aluno (escola confessional): *Não, eu acho que eu agüento até um nível mediano de barulho.*

Aluno (escola confessional): *Eu acostumei a agüentar o barulho.*

Aluno (escola confessional): *Eu também acostumo com certo barulho.*

SOCED: E qual seria o nível mediano de barulho?

Aluno (escola confessional): *Não sendo algazarra de aula de manhã [risos], mas uma conversa paralela de algumas pessoas.*

Na escola pública, dois alunos não se incomodam com os ruídos do ambiente no momento da leitura, lendo no quarto, na escola durante os intervalos ou no ônibus. A leitura feita no ônibus, no entanto, são para os textos mais informais, como os de entretenimento, leitura de gibis, letras de música ou revistas de informação. Apenas uma aluna afirma ler ouvindo música. No cotidiano, para as *leituras escolares*, todos preferem ler em casa, no quarto ou na sala, desde que o lugar esteja em silêncio.

Após tratarmos sobre diversos aspectos relacionados à leitura, pedi aos alunos que indicassem o melhor e o pior gênero literário na visão deles. A esta altura, percebemos que todos pareciam estar bastante à vontade para expressarem opiniões contrárias à leitura de determinado gênero.

Entre os alunos da escola confessional, a preferência volta-se em maior parte para os gêneros de ficção, romances, romances de fundo histórico e ficção científica. Alguns alunos descrevem seu gosto e suas preferências, estabelecendo relações instrumentais, identificando os possíveis usos das leituras que fazem:

Aluno (escola confessional): *Eu gosto mais daqueles livros (...), tipo “O conde de Monte Cristo”. O que a gente acabou de ler, que trata mais da dinâmica da pessoa (...).*

Aluno (escola confessional): *Eu gosto muito dos livros que tem uma história. A história que eles estão falando que gostam [referindo aos outros colegas que citam a preferência pela leitura do título O Conde de Monte Cristo] é cheia de fundo (...). Eles falam que na história não tem nada de verdade [referindo-se aos livros de ficção, que apresentam uma narrativa com base em fatos históricos], mas nesses livros tem suspense, tem ação, tem um misto de realidade. Quando você lê um livro de História [referindo-se à disciplina de História] você descobre reflexos do que você encontra até hoje na sociedade.*

Aluno (escola confessional): *Eu gosto mais de ficção científica, totalmente diferente da realidade.*

SOCED: Que foge da realidade?

Aluno (escola confessional): *É (...). Mitologia grega.*

Aluno (escola confessional): *Eu gosto mais da realidade. (...) Não, o que eu menos gosto são esses (...). Machado de Assis (...).*

A literatura brasileira tradicional é apontada pelos alunos como um gênero difícil, que *não prende* durante a leitura e que não possibilita identificação com a obra. Apenas um aluno confirma a preferência pelo gênero, no entanto, o faz apenas a partir da citação de um título:

Aluno (escola confessional): *Os livros que mais me agradam são aqueles que você tem que ler até o final pra ver o que vai acontecer. Aqueles que ficam uma coisa mais escondida, que você quer saber o que aconteceu. E o que eu menos gosto são os livros de literatura.* [referindo-se a literatura brasileira tradicional].

Aluno (escola confessional): *É, não te prende. Eu gosto de ler o livro inteiro. Acabar de ler o livro pra entender a história. Com literatura brasileira não dá pra entender...*

SOCED: Ninguém aqui gosta de literatura brasileira tradicional?

Aluno (escola confessional): *Eu gosto.*

Aluno (escola confessional): *Não despertam interesse.*

SOCED: Quais livros você gostou de ler?

Aluno (escola confessional): *O Alienista, eu gostei do Alienista, ninguém concorda comigo, mas...*

Os alunos expressam muitas reclamações sobre a indicação dos títulos da literatura brasileira tradicional. Durante o grupo focal, tanto na escola confessional, quanto na escola pública isso foi marcante. Os alunos dizem que têm dificuldades na realização de contextualizações e na admiração de tais obras.

Na escola pública, o planejamento da *Semana Machado de Assis*, caracterizado anteriormente, com todos os esforços na busca por atividades mais dinâmicas (construção de *blogues*, peças teatrais, exibição de filmes, etc.), pode indicar uma reação dos professores para estimular a leitura deste gênero.

As percepções dos alunos sobre os diferentes gêneros literários vão ao encontro dos valores de algumas questões do *survey* (Gráficos 15 e 16, pp. 52-53), bem como da catalogação dos títulos lidos pelos alunos. A frequência deste gênero foi nula na primeira indicação das duas escolas. Por outro lado, as percepções dos alunos sobre a leitura nacional contemporânea também corrobora com os dados que consolidamos na análise quantitativa:

Aluno (escola confessional): “*Capitão Rodrigo*” [citando um título que gostou de ler, o aluno se referiu ao filme “Um certo capitão Rodrigo” inspirado no livro “O tempo e o vento”]

SOCED: De quem é esse livro?

Aluno (escola confessional): *Érico Veríssimo. (...) Um dos poucos que eu li e gostei.*

SOCED: Ele é um pouquinho mais contemporâneo!

Aluno (escola confessional): *É, é mais contemporâneo.*

SOCED: Quem mais gosta de Érico Veríssimo?

Aluno (escola confessional): *Eu gosto dele e do filho dele.* [Neste momento todos afirmam gostar de Luis Fernando Veríssimo].

Os alunos da escola pública indicam que os piores títulos são, nas palavras deles, *os livros da escola*. Esta recusa pelos livros didáticos parece ter sofrido a influência da insatisfação vivida pelos alunos em relação ao livro de História indicado pela escola, o qual eles consideram *muito chato*:

SOCED: Você B, pra gente terminar. O que significa ler? É uma necessidade, um prazer, uma obrigação, um lazer.

Aluna (escola pública): (...) *tirando os da escola.*

SOCED: Tirando os da escola. Todos da escola são ruins, gente?!

Aluna (escola pública): *Eu nunca pegaria pra ler.*

Aluno (escola pública): *É um pouco chato.*

SOCED: Os livros didáticos são chatos?

Aluno (escola pública): *Nem todos, só alguns (...).*

Durante o período em que estivemos em campo, observamos que os professores da disciplina de história da escola confessional realizam um trabalho que desperta muito o interesse dos alunos. Esta prática docente indica estar desenvolvendo nos alunos desta escola a admiração pelo gênero histórico. Isso pôde ser percebido na grande preferência encontrada, não somente no gênero de não-ficção, mas também na grande indicação dos alunos pelo gênero ficcional de fundo histórico. Esta é uma especificidade da escola confessional que parece estar colaborando para os altos níveis de engajamento em leitura entre estes alunos.

Na escola pública, a falta de identificação com os livros didáticos da disciplina de história gerou nos alunos uma recusa. Os relatos destas experiências nos indicam a importância dos hábitos intra-escolares, em especial, da prática docente na incorporação de disposições de leitura nestes alunos. Estas experiências escolares parecem atuar fortemente, influenciando a escolha e o volume de leitura de determinados gêneros.

5.6

Influência e definição do hábito de leitura

O último tópico tratado durante os grupos focais refere-se à importância dada pelos alunos ao hábito da leitura. Perguntamos a eles de que forma percebiam o peso ou a diferença que o hábito da leitura acarreta na vida das pessoas. Discutimos se a leitura faz falta ou não e o que diferencia uma pessoa que tem este hábito de uma pessoa que não o tem. Por fim, pedi aos alunos que definissem em poucas palavras o que significava este hábito na vida deles.

Um fator apontado e comum entre as duas escolas é o aspecto instrumental da leitura, sua contribuição na escrita e na forma de se expressar. As falas ilustram uma visão bastante escolarizada do papel desta prática entre estes alunos:

Aluno (escola confessional): *Eu acho que quem lê muito acaba desenvolvendo uma escrita melhor, uma escrita mais culta. (...)*

Aluno (escola confessional): *Às vezes tem uma palavra que você não entendeu, procura saber o que é e aí você aumenta o vocabulário pra poder substituir palavras.*

Aluno (escola confessional): *É uma coisa que fica pra vida toda, você lê uma revista, você sabe das coisas mais atuais, melhora seu vocabulário. Você tem que saber o que esta acontecendo...*

Aluno (escola confessional): *A leitura trás uma rede de habilidades A pessoa fica melhor na discussão (...). Isso aumenta o seu poder de argumentação, de escrita, de ponto de vista.*

Para os alunos, o hábito da leitura tem como finalidade mantê-los informados sobre diversos assuntos, o que por sua vez, auxilia o desempenho escolar. Na escola pública, este aspecto instrumental também é enfatizado, no entanto, estes alunos ao

mesmo tempo ressaltam que a leitura é um hábito estimulante da criatividade⁹. Eles também afirmam que a leitura leva a uma melhor estruturação das frases, da escrita e da expressão de um modo geral. Uma aluna desta escola afirmou que o fato de ter lido muito durante o ano facilitou sua produção escrita, pois antes disso tinha dificuldade nesta tarefa.

5.7

Os dados do survey e a pesquisa qualitativa com os alunos

Mesmo com uma diferença de quatro anos na captação das informações entre o *survey* e os grupos focais com os alunos, os valores recentes reafirmam a grande preferência dos jovens pelo gênero de ficção, pela leitura dos *sites* da *internet* e das revistas como fontes de informação¹⁰.

A preferência dos alunos por poesia encontrada na escola confessional no *survey* de 2004 pode reforçar a força da indicação escolar. Por outro lado, a recusa dos alunos em relação à literatura brasileira tradicional ocorreu nas duas escolas. A diferença está na relação que as duas escolas e que as famílias estabeleceram com este tipo de leitura.

Na escola confessional, percebemos um trabalho voltado, tanto para a garantia da leitura dos clássicos escolares, quanto para a indicação de leituras com as quais os alunos pudessem estabelecer alguma identificação.

A descrição dos alunos da escola confessional nos indica, ao mesmo tempo, uma relação mais despojada da família: menor indicação de obras literárias e ausência de cobrança de leituras. Estas tarefas parecem ter sido integralmente confiadas à escola. Identificamos na atuação destas famílias, apenas leve monitoramento das leituras diárias de caráter informacional.

Na escola pública, apesar do menor número de falas, foi possível identificar a presença da influência familiar na indicação de obras: principalmente títulos de ficção e obras da literatura brasileira tradicional. Estas famílias exercem um monitoramento da leitura de seus filhos mais próximo que as famílias da escola confessional. Tal fato

⁹ As falas dos alunos da escola pública sobre este item foram analisadas com base nos relatos das observadoras que me auxiliaram durante a atividade. Infelizmente, as falas não puderam ser transcritas na íntegra devido ao alto nível de ruído, conforme mencionado anteriormente.

¹⁰ Consulte as tabelas 5 e 6 nos anexos 7 e 8, respectivamente.

ilustra as disposições culturais destas famílias de classe média, sua *preocupação com a conformidade* e sua *inclinação para os produtos seguros e certificados* (BOURDIEU, 2007, p. 310) por meio da garantia de uma leitura das obras literárias clássicas, as quais julgam mais adequadas e legítimas para o repertório cultural de seus filhos.

Os perfis familiares no estímulo à leitura poderão determinar, mesmo que em parte, a relação que estes jovens estabelecem com determinado gênero literário, como vem ocorrendo com o volume de leitura da literatura brasileira tradicional, por exemplo. Este movimento, aliado ao trabalho desempenhado pela escola na *vulgarização* desta leitura parece estar adquirindo um efeito de recusa ou de apenas um cumprimento de obrigatoriedade entre os jovens. Há, portanto, um viés institucional na construção das disposições escolares para a leitura deste gênero. Esta interferência atua no comportamento dos alunos, no desenvolvimento de senso prático enquanto leitores: na disciplina, na responsabilidade, na velocidade de leitura e, sobretudo, em suas percepções sobre determinado gênero.

As dissonâncias e convergências entre as *culturas escolares* e as *culturas familiares* presentes na escolarização das crianças e dos jovens (BARBOSA, 2007) nos leva a pensar sobre o que é atualmente legítimo na formação cultural destes alunos. Em relação à leitura é necessário repensar a legitimidade das diferentes fontes. O que vem sendo considerado legítimo pelas escolas ou pelas famílias parece não estar funcionando como instrumento de estímulo para a leitura entre os estudantes. Há uma multiplicidade de linguagens presentes nos títulos lidos por estes jovens que não deve mais ser desconsiderada ou desvalorizada.

Apesar de se configurar um conjunto de preferências entre os gêneros literários, percebemos que os alunos não estabelecessem uma hierarquia entre os gêneros escolhidos. Estes títulos perpassam o tradicional e o contemporâneo, as escolhas ocorrem ao sabor de seus interesses momentâneos. A capacidade de pesquisa e a facilidade no acesso à informação facilitam ainda mais esta *flutuação* de interesses, colaborando para o volume e diversidade de leitura destes alunos.

Não nos foi possível mapear os percursos de leitura traçados pelos alunos nas três indicações dos títulos lidos no *survey* de 2004, no entanto, diante do volume de dados que alcançamos e após conversar com os alunos nos grupos focais, inferimos alguns *percursos literários*. As modalidades desenvolvidas na relação entre o leitor e o objeto

lido, investigadas por Chartier (2001, p. 85-86), nos levou a refletir sobre os possíveis percursos literários destes alunos¹¹.

Alguns indícios em nossa pesquisa nos levaram a sugerir que a leitura de um autor pode vir a aumentar o volume de leitura de determinado gênero, como parece ter ocorrido com a leitura do autor Dan Brown, nos títulos *Código da Vinci* e *Anjos e Demônios*. Outro possível percurso pode ter se dado a partir da leitura dos *mangás*, estimulando os alunos à leitura de *Musashi*, romance épico que narra a história do mais famoso samurai do Japão, que por sua vez, pode ter encaminhado o aluno a uma leitura de aprofundamento através do título de não-ficção *História Cultural do Japão*¹².

Estes e outras possíveis trajetórias podem nos auxiliar a compreender as diferentes relações estabelecidas entre estes jovens e o objeto literário, sustentando um ensino mais próximo da realidade de seus hábitos culturais.

¹¹ O autor, ao investigar ocorrências históricas dos hábitos de leitura na Alemanha (segunda metade do século XVIII) e na *Nova Inglaterra* (na primeira metade do século XIX), caracteriza duas modalidades de leitura: uma *leitura intensiva*, que era feita a partir de títulos limitados, como a Bíblia e o Almanaque e o desenvolvimento de uma *leitura extensiva*, estabelecida na intimidade e a partir de uma maior diversidade de textos.

¹² As sinopses destes títulos, com exceção de *Anjos e Demônios*, podem ser consultadas no Anexo 2.